

A Igreja, o papa e o Brasil



» SÉRGIO E. MOREIRA LIMA
*Embaixador de carreira,
advogado e presidente do
Conselho da Sociedade
Brasileira de Direito
Internacional*

O cristianismo é o maior sistema religioso e nele se destaca o catolicismo apostólico romano. O Brasil, com 120 milhões de fiéis, contingente inigualável de católicos no mundo, tem contribuído para a proeminência da Igreja. A sucessão do seu líder provoca questões sobre o papel do clero num mundo em transformação, no qual o agravamento de conflitos expõe a geopolítica a extremos de incerteza e riscos para a humanidade. É diante de tais desafios que se devem discernir as lideranças mais capazes de situar princípios e valores morais no centro das aspirações coletivas. O papa Francisco foi uma inspiração na defesa da diplomacia e do direito contra a prevalência da lógica do poder e da força.

Na guerra na Ucrânia, no conflito em Gaza, entre outros, o sumo pontífice empenhou-se na busca do entendimento entre as partes e na proteção dos civis. Sua voz ecoou pelo mundo e trouxe esperança em meio à agonia. É incontestável o prestígio do papa na política internacional. O Vaticano, cidade-Estado com representações no exterior, possui tradição diplomática secular. A igreja contribui para responder a desafios globais. Na *Laudato Si*, primeira encíclica papal sobre meio

ambiente, o pontífice afirma não haver duas crises, uma ambiental, outra social; mas uma única e complexa crise socioambiental. A preocupação com a degradação florestal, em meio à pobreza, levou-o a nomear o primeiro cardeal da Amazônia.

O trabalho diplomático concorre para o prestígio da igreja e sua capacidade de evangelizar. As funções eclesásticas e temporais interagem. Quanto mais respeitada a autoridade espiritual do papa, maior a possibilidade de influir em temas de interesse internacional. O papado marcou a política contemporânea com o polonês Karol Wojtyła, João Paulo II (1978-2005), o Papa da Liberdade, um dos grandes líderes do século 20 por sua resistência ao autoritarismo soviético. Como cardeal e pontífice, influenciou na consolidação do Solidariedade, na Polônia, como parte do processo histórico que levou à abertura das fronteiras na Hungria, à queda do muro de Berlim e ao colapso da União Soviética, maior transformação geopolítica e econômica do século 20. No Vaticano, ao assistir à posse de Wojtyła, não podia imaginar a dimensão do poder brando do papa na mudança da ordem internacional que estava por vir.

Se o histórico de João Paulo II traduz a luta pela liberdade diante do autoritarismo, e o de seu sucessor, o alemão Bento XVI (2005-2013), o esforço teológico de colocar o cristianismo de volta às suas origens, o legado de Francisco identifica-se com a reforma, com o resgate da moralidade na defesa do que é simples, bom e justo, como a proteção dos oprimidos, o reconhecimento da universalidade dos direitos humanos, o desenvolvimento sustentável,

o respeito aos povos originários e ao seu habitat, expressão da dignidade humana. Compõem esse patrimônio imaterial a misericórdia, mas também o sentido de justiça. Ele recebeu a igreja envolvida numa crise moral em razão de crimes hediondos de membros do clero, que abalaram a confiança no Vaticano e aumentaram a percepção de falta de transparência na condução dos seus negócios.

O cardeal argentino Jorge Bergoglio tinha, além da ascendência italiana, as qualidades para a missão que amedrontou seu antecessor e desafia seus sucessores: avançar na reforma da igreja. Mas foi a proximidade do colega brasileiro Cláudio Hummes e seu conselho de “não esquecer os pobres”, que o ajudou a marcar a identidade do seu papado, como ele próprio reconheceu. Ao seguir o exemplo de São Francisco de Assis, o papa Francisco orientou sua ação eclesástica em favor dos desvalidos e da redução da desigualdade.

Sua humildade inspira e conforta, assim como o carisma e o humor. Ao visitar o Brasil, indagado sobre sua eleição no contexto da antiga rivalidade com a Argentina, considerou essa atitude superada e arrematou com a frase inesquecível: “Nós negociamos bem: o papa é argentino, e Deus é brasileiro”. É preciso preservar o legado do pontífice, com a escolha de líderes identificados com a causa da humanidade e do planeta. Num momento tão crítico para salvaguardar o futuro de ambos, espera-se que o papa a ser escolhido tenha a coragem e a visão de João Paulo II, a capacidade teológica de Bento XVI e a dimensão moral e ética de Francisco.



Groenlândia: entre o apetite e a paciência



» ANSELMO DE OLIVEIRA RODRIGUES
Doutor em ciências militares

Em 7 de janeiro de 2025, durante uma entrevista coletiva aos meios de imprensa norte-americanos, Donald Trump não descartou a possibilidade de realizar uma ação militar na Groenlândia e anexá-la ao território dos Estados Unidos (EUA). O pronunciamento feito pelo presidente eleito, antes mesmo de tomar posse, causou surpresa e gerou as mais variadas reações no planeta.

Rapidamente, os políticos dinamarqueses rechaçaram tal possibilidade, alegando que o futuro da ilha deveria ser decidido pelos groenlandeses, afinal, a Groenlândia é considerada uma região autônoma, integrante do reino da Dinamarca. A imprensa, em sua grande maioria, proferiu críticas a Donald Trump, destacando que os EUA não poderiam interferir nos assuntos internos da ilha.

Mas quais foram os motivos que levaram Donald Trump a emitir tal pronunciamento? Deflagrada em fevereiro de 2022, a guerra russo-ucraniana não teve o desfecho que Vladimir Putin havia idealizado. O apoio dado pelo Ocidente à Ucrânia prolongou o conflito para além do visualizado pelo mandatário russo que, inesperadamente, começou a ter dificuldades para manter o esforço de guerra. Com grande apoio interno e disposto a pagar

um alto preço para prevalecer o que entendia ser um momento decisivo na competição estratégica contra os EUA, Vladimir Putin solicitou ajuda a vários países nesse conflito, entre os quais a China.

Xi Jinping, entendendo que a Rússia detém cerca de 53% da área territorial do Ártico e sabendo que aquela região possui uma gigantesca reserva de recursos minerais, solicitou a Vladimir Putin que gostaria de ter acesso ao Ártico. O mandatário russo, prontamente, aceitou a proposta, pois também visualizou a presença chinesa no Ártico, como uma maneira de compensar as vantagens adquiridas pela OTAN naquela região, principalmente depois da entrada dos dois últimos estados árticos que ainda não eram alinhados ao Ocidente: Finlândia e Suécia.

A ajuda chinesa veio por meio de investimentos bilionários na base industrial de defesa russa. O apoio dado por Xi Jinping melhorou a capacidade da Rússia em repor as perdas materiais na guerra russo-ucraniana e possibilitou até a realização de ações ofensivas no teatro de operações. Não por acaso, o comércio entre China e Rússia tem aumentado desde o início da guerra, ajudando Moscou a resistir às sanções ocidentais e a registrar aumentos substanciais em seu PIB.

Em decorrência do aquecimento global e o consequente derretimento da camada de gelo no Ártico, a Guarda Costeira Chinesa e o Serviço de Guarda de Fronteira da Rússia assinaram um memorando de entendimento em abril de 2023. Com o acordo firmado, a China começou a construir e enviar navios quebra-gelos para explorar o Ártico russo. E, assim, desde então, chineses e russos também têm

trabalhado juntos para desenvolver novas rotas de navegação no Ártico.

E não parou por aí, devido à proximidade do Ártico com a Groenlândia e ávida por recursos naturais, gradualmente, a China aumentou o seu envolvimento com a Groenlândia, principalmente por meio de projetos de mineração, desenvolvimento de infraestruturas e projetos de pesquisa científica. Apesar de ser incipiente atualmente, a ambição chinesa é expandir o acesso aos recursos naturais da ilha e ter a possibilidade de utilizá-la como um ponto de apoio estratégico.

Tais movimentos não passaram despercebidos pelos norte-americanos, que têm a base espacial de Pituffik na Groenlândia, estrutura essencial no sistema de alerta de mísseis dos EUA. Donald Trump, ao tomar conhecimento dos relatórios de inteligência, ficou temeroso com a ousadia dos chineses e, sem titubear, emitiu aquele pronunciamento, dando um recado claro à China que tais movimentos seriam respondidos à altura, prometendo até uma intervenção militar na Groenlândia.

Com origem na guerra russo-ucraniana, atualmente a Groenlândia se vê no meio de uma disputa travada entre norte-americanos e chineses. Se de um lado, o apetite demonstrado por Donald Trump em sua versão 2.0 tem surpreendido o mundo, por outro lado, a paciência estratégica de Xi Jinping parece ter deixado a China melhor preparada para enfrentar os EUA nesse embate. Quanto ao futuro, somente o tempo responderá quem vencerá essa disputa, se é que haverá algum vencedor, mas que a ilha passará por momentos de tensão, isso é fato. A ver cenas dos próximos capítulos

Visto, lido e ouvido



Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

O Santo Graal

A linguagem é um poderoso instrumento de construção de significados, de interação entre os humanos e de construção de ideias. Sem ela, o desenvolvimento da sociedade e todo o progresso que conhecemos na história da humanidade seria outro, talvez menos brilhante e bem mais lento. Educação e cultura de toda uma diversidade de saberes nascem e fluem por intermédio da linguagem. Sócrates foi o mestre da linguagem e da palavra. Toda a sua obra se baseia no uso da palavra, pois enxergava que, por meio da linguagem, era possível alcançar-se a verdade. Dizia ele: “Fala para que eu te veja”. Pelo uso e prática da maiêutica, questionava incansavelmente seu interlocutor na longa estrada em busca do conhecimento que leva à verdade.

Parir a verdade, eis a técnica do grande filósofo. Também a psicanálise se baseia na maiêutica, pois busca trazer à tona o que está guardado no inconsciente, buscando a cura pela fala. Desde cedo, ficou patente o poder de conduzir os homens pela força da linguagem e da palavra.

Os políticos, os clérigos e todos aqueles que estavam acima e à frente das populações souberam usá-la para seus propósitos. Com isso, a linguagem foi usada tanto para iniciar guerras como para proclamar a paz, para trazer o progresso e para deixar ruínas. Se, portanto, a palavra nasce das ideias, é nesse campo que todos aqueles que buscam dominar o homem querem influir. Ao tornar o homem um ser desprovido de ideias próprias, estamos conduzindo-o para um lugar onde podemos melhor controlá-lo. A linguagem liberta e aprisiona.

Nos regimes totalitários, caçar o direito a voz e a linguagem tem sido a primeira medida dos tiranos. Garcia Lorca (1898-1936), o mais importante poeta espanhol durante a guerra civil, dizia: “O mais terrível dos sentimentos é o sentimento de ter a esperança perdida”. Para ele, “há coisas encerradas dentro dos muros que, se saíssem de repente para a rua e gritassem, encheriam o mundo”. Apenas por utilizar o poder da linguagem, acabou fuzilado pelas forças de fascistas de Franco, sendo os seus restos mortais escondidos até hoje.

O perigo que o poder da linguagem possui, quando gestado por uma mente desse calibre, torna-se uma arma letal contra o regime e a opressão. O lado das sombras também sabia do poder da linguagem e usava-a sem cerimônias, por meio de uma propaganda massiva a incutir o medo e a renúncia à fala. Nesse contexto, nada mais velho e mais eficaz do que fiscalizar o que é dito verbalmente ou por escrito. Por isso, antes de aprisionar o homem, é preciso aprisionar suas ideias.

A liberdade de expressão que, na maioria das constituições de países do Ocidente, é um dos temas principais, vai, nessa primeira metade do século 21, sendo, pouco a pouco, limitada e restringida, pois contraria o pensamento daqueles que se acham, erroneamente, donos do poder ou de uma situação momentânea de poder. Talvez esteja aí o tão repetido sentido de censura, denominado nesses tempos de novilíngua ou mais precisamente de wokismo. A esse tipo de antilinguagem se somam confusões propositalmente ao idioma, de forma corrompê-lo desde a raiz. Sem a linguagem, aprisionada em proposições que busca eufemisticamente “regular as mídias sociais”, o ser humano capitula de forma mais ligeira.

Ao caçar o direito à palavra, à crítica ou à defesa, como temos visto nestes tempos surreais, os seres humanos são reduzidos à condição de um enorme formigueiro, silencioso e sem sentido. Assim, cortar a palavra ou a linguagem é cortar também uma das poucas maneiras de se aproximar da verdade. Notem que a verdade, nesse caso, não é só o que é certo e aceitável, mas o que é belo e ético ao mesmo tempo. Ou seja, sem a liberdade da linguagem, não há caminho possível rumo a tão desejada felicidade humana, que afinal é o Santo Graal de todo o propósito humano.

A frase que foi pronunciada:

“Sentimo-nos livres porque nos falta a linguagem para articular a nossa falta de liberdade.”

Stavoj iek

Vírgula

» Solução simples para as armadilhas contra os idosos. Realizar um empréstimo consignado sem a autorização do titular isenta o cliente do banco ou do INSS a pagar a conta. Simples assim.

Ponto final

» Esse assunto recebeu espaço no Legislativo que, agora, cria uma lei para multar o banco. Melhor que a multa seria a isenção do pagamento do empréstimo não autorizado. Mal cortado pela raiz.

Exclamação

» É preciso um apelo dos produtores para que o governo reconheça a importância do cacau brasileiro. Mas o cacau puro nos chocolates vendidos no país é o que a classe pede. O que parece óbvio precisa ser gritante!

Em Cerrado

» Como sempre, Nicolas Behr canta Brasília em poesia contagiando a todos que amam essa cidade. “Nem tudo o que é torto é errado. Veja as pernas do Garrincha e as árvores do Cerrado.” Veja no *Blog do Ari Cunha*.

História de Brasília

O caso do BNDE era um abuso porque mantinha fechadas as casas, mas o movimento grevista, inclusive insuflando alunos, foi recebido com reserva pelo povo. Este é o fato. (Publicada em 21/5/1962)